

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades
4 a 6 de agosto de 2014
Universidade Federal do Espírito Santo
GT 01 - Africanidades e Brasilidades em Literaturas

Mia Couto e a simbologia de barcos: navegar, mais do que possível, é sonhável

Luara Pinto Minuzzi¹

"Não terá sido a Morte o primeiro Navegador?" é o eloquente questionamento lançado por Bachelard (2002, p. 75), na sua obra *A água e os sonhos*. Por muito tempo, o mar foi o local privilegiado dos mortos (e da morte), uma vez que o grande oceano era um espaço totalmente desconhecido que despertava muito mais medo do que curiosidade às pessoas. Porém, apesar de elas próprias não se aventurarem nessas águas, lançavam ataúdes, durante as cerimônias fúnebres – dessa forma, era apenas após o falecimento que os homens desbravam esse misterioso sítio. Assim, segundo o filósofo, a simbologia dos barcos ficou inevitavelmente impregnada das exalações e miasmas da morte e, conseqüentemente, "[...] a função de um simples *barqueiro*, quando encontra seu lugar numa obra literária, é quase fatalmente tocada pelo simbolismo de Caronte" (Ibidem, p. 80) – ou pelo complexo de Osíris, como prefere Durand (1997), ou ainda pelo de Kwasi Benefo, herói mítico africano que atravessa um rio em busca da alma de suas esposas mortas (FORD, 1999). Portanto, o único caminho para se chegar ao mundo dos mortos, ao avesso do mundo dos vivos, é através das águas, em cima de um flutuante veículo, o que transforma a morte em uma viagem, em algo não tão definitivo: toda viagem pode ter uma ida e uma volta.

¹ Mestre em Teoria da Literatura pela PUCRS e doutorando em Teoria da Literatura pela PUCRS.
E-mail: luara.minuzzi@acad.pucrs.br.

Tal significado das embarcações aquáticas está presente em dois romances do escritor moçambicano Mia Couto: *Terra Sonâmbula* e *O outro pé da sereia*. O objetivo deste trabalho, portanto, é analisar como as diferentes simbologias e significados que esses elementos carregam relacionam-se com e enriquecem tais narrativas.

E se essa viagem aquática está íntima e irremediavelmente relacionada à morte, é devido também à conexão entre o devir aquático e a passagem do tempo, como explica Durand:

A primeira qualidade da água sombria é o seu caráter heraclítico. A água escura é "devir hídrico". A água que escorre é amargo convite à viagem sem retorno: nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio e os cursos de água não voltam à nascente. A água que corre é figura do irrevogável. [...] A água é epifania da desgraça do tempo, é clepsidra definitiva. Este devir está carregado de pavor, é a própria expressão do pavor (DURAND, 2002, p. 96).

A morte é inevitável, porque o passar do tempo é; todos os rios levam ao rio dos mortos, pois todos os rios representam a temporalidade não controlável. Porém, um barco que atravesse para uma margem sempre pode voltar ao lado de origem. Para Mwadia, de *O outro pé da sereia*, por exemplo, aqueles mortos que não conseguiram atravessar a fronteira entre a vida e a morte corretamente permanecem perdidos pelo mundo: "[...] aquilo que se vê no céu nem sempre são astros. Aprendera com o pai a distinguir os verdadeiros dos falsos corpos celestes. Esses outros, os enganosos astros, são barcos em que viajam os que não souberam morrer" (COUTO, 2006, p.19).

Assim, em *O outro pé da sereia*, a viagem de barco simboliza justamente essa extensão que se deve percorrer para ir do mundo dos vivos ao dos mortos, o único caminho ligando esses dois planos. Quem percorre essa distância, em uma canoa, é Mwadia: a mulher e seu marido, Zero Madzero, vivem em Antigamente, localidade completamente isolada. O casal encontra a estátua de uma santa, a Virgem Maria, um baú com os documentos da nau Nossa Senhora da Ajuda e o esqueleto de Dom Gonçalo da Silveira, que estavam escondidos em um rio. Quando se inteira do ocorrido, o curandeiro Lázaro Vivo sentencia que Mwadia deveria voltar à Vila Longe, onde a moça havia passado sua infância e onde sua

família ainda residia, a fim de encontrar um lugar seguro e sagrado para abrigar a imagem – caso contrário, uma terrível maldição recairia sobre Zero.

Por esse motivo, a mulher regressa à sua terra natal e a viagem é realizada por via aquática. Uma vez que, como lembra Bachelard, "todos os rios desembocam no Rio dos mortos" (BACHELARD, 200m, p. 77), podemos pensar nessa travessia como uma jornada para o mundo dos que já se foram – ou uma jornada de volta ao mundo dos vivos, pois, ao longo da narrativa, surge a dúvida em relação a que personagens estariam vivos e quais estariam mortos.

Logo que a mulher chega à sua antiga aldeia, depois de deixar o marido em Antigamente, iniciam os rumores de que Zero já teria morrido há alguns anos – e, antes mesmo de abandonar sua casa, ela diz perceber que o companheiro não deixa pegadas atrás de si e parece um fantasma. Ao final da trama, a mãe de Mwadia tenta chamá-la à realidade e relata as circunstâncias do assassinato: teria sido o próprio padrasto da personagem a matar Zero com facadas. A senhora, então, sentencia: "Quando você soube da notícia, você ficou maluca, filha. Enlouqueceu e saiu para esse lugar, para além das montanhas. É lá que vive sozinha, você e seus burros, seus cabritos" (COUTO, 2006, p. 327).

Por outro lado, há também evidências de que a situação seria justamente o inverso do que desejam crer os habitantes de Vila Longe: todos estariam mortos, menos Zero e Mwadia. Mestre Arcanjo, por exemplo, barbeiro e político de esquerda, exorta-a a sair da cidade imediatamente, perguntando se a mulher "nunca ouviu falar de terras que deixaram de constar? Foram varridas, erradicadas" (Ibidem, p. 319). Além do local, os habitantes não constavam mais, pois não possuíam nem a capacidade de sonhar, como é ressaltado por Dona Constança. O narrador ainda relata como os cachorros da vila ficavam assustados com a chegada da jovem, "[...] como se há muito se tivessem desabitado do convívio humano" (Ibidem, p. 119), como se há um longo tempo esses animais não houvessem cruzado com vivos. Até mesmo em relação aos americanos, Benjamin e Rosie Southman, que vão à Vila Longe com o intuito de realizar pesquisas sobre a escravidão, há indícios de morte, como quando a protagonista segura a mão de Rosie: "Mwadia estranhou o frio no corpo da estrangeira. Frio igual ela só tinha sentido quando tocou o cadáver de seu pai" (Ibidem, p. 146).

Finalmente, quando Mwadia volta a Antigamente, no final da narrativa, o esposo lhe pergunta se as campas de Vila Longe estavam bem tratadas e lhe diz: "Custa-lhe aceitar, eu sei, Mwadia. Com o tempo você vai aceitar" (Ibidem, p. 330). Logo depois, o narrador descreve a visão que toma a mulher: uma parede cheia de fotografias de todos os seus familiares e amigos de sua terra da infância – a "parede dos ausentes", costume de sua mãe, que pendurava o retrato de alguém assim que esse morresse.

Além disso, o próprio narrador já adverte seu leitor que, no local onde Mwadia passara sua meninice, essa questão realmente é complexa, uma vez que lá "a morte não é exactamente um facto" (COUTO, 2006, p. 77): as pessoas falecem sem chegar a morrer, pois suas almas permanecem "entre sombras, suspiros e silêncios" (Ibidem, p. 77). Quem realmente define a questão (ou define a natureza essencialmente indefinida da questão) é Constança: "A gente nunca sabe quando está morta" (Ibidem, p. 146).

Dessa forma, é através de uma viagem de barco que Mwadia vai do mundo dos vivos para o dos mortos – ou dos mortos para o dos vivos, cabe ao leitor escolher qual das possibilidades sugeridas pelo romance ele prefere. A personagem, então, exerce a função de um barqueiro e, como já foi explicado, segundo Bachelard, quando há um barqueiro em uma obra literária, sua figura é fatalmente tocada pelo simbolismo de Caronte, aquele que transporta os mortos para o Hades navegando pelas águas dos rios Estige e Aqueronte. O autor explica que "por mais que atravesse um simples rio, ele traz o símbolo de um além. O barqueiro é guardião de um mistério" (BACHELARD, 2002, p. 81).

Assim como Vila Longe já era uma localidade morta e povoada por quase defuntos, a cidade de *Terra sonâmbula* também já havia soltado seus últimos suspiros – o que pode levar o leitor a pensar em uma viagem empreendida pelos personagens no sentido contrário: do mundo dos mortos para o dos vivos. O contexto histórico no qual se passa a história é a Moçambique assolada pela guerra civil, por essa desordem sem "[...] nenhuma comparação, nem com as antigas lutas em que se roubavam escravos para serem vendidos na costa" (COUTO, 2007, p. 30); essa desgraça que igual nem os mais-velhos nunca viram (Ibidem, p. 66) e que, por isso, ainda não tem nome (Ibidem, p. 111). Devido ao fato de a guerra ser maior do que a terra, de ela ter afetado praticamente todos os

habitantes do país de uma forma arrasadora e terrível, há várias alusões, ao longo do romance, a uma Moçambique morta, a uma população já defunta: "naquele lugar, a terra tinha morto a estrada. [...] Aqui o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem de morte" (Ibidem, p. 9); "É que estou farto de viver entre mortos" (COUTO, 2007, p. 11); "É que quase eu penso que na morte se está melhor do que aqui" (Ibidem, p. 98); "Lá fora havia o matraquear da morte, lamentos de vidas que se apagavam. Para nós, porém, aquele ruído era já parte da paisagem" (Ibidem, p. 110-111); "Vendo bem, o cadáver descuidado no passeio não escondizia com tudo resto. Simbolizava aquilo que a vila se tinha tornado: uma imensa casa mortuária" (Ibidem, p. 121). Assim, tanto Kindzu, quanto Farida, personagens do romance, em seus ímpetos de deixar para trás toda essa desgraça, estão, na verdade, tentando fugir de uma terra já morta – e, por isso, ambos devem realizar essa travessia através da água, a fim de atravessar a margem entre os dois mundos. O homem vai, em sua canoa, por terras desconhecidas e a mulher parte com barqueiros que a abandonam no navio encalhado que deveria enviar mantimentos a Matimati.

No caso de Farida, tanto o navio no qual ela ficara presa, quanto o farol situado em uma ilha próxima à embarcação, representam uma esperança:

Havia, por fim, alguém que não estava metido no mesmo lodo em que todos chafundávamos, alguém que mantinha a esperança, louca que fosse. Farida, ao menos, tinha uma ilha com um inviável farol, um barco que viria de lá onde habitam os anjonautas (Ibidem, p. 104).

Por isso, por essa tresloucada fuga, Carolinda, sua gêmea, nutria uma profunda cobiça em relação à irmã: "Ou seria inveja da outra estar a caminho de sair daquele inferno? Sim, Farida fugia da pequenez daquele lugar mesmo que o fizesse pela loucura de embarcar num barco encalhado. Mas sempre era uma viagem, uma saída daquele inferno" (Ibidem, p. 173). Assim, a viagem da personagem vai do mundo dos mortos em busca de uma terra onde ainda houvesse vida.

Muidinga, leitor dos cadernos de Kindzu e, conseqüentemente, da história de Farida, compreende a mulher. Quando Tuahir lhe questiona o motivo de

desejar ver o mar, o menino reflete: "O jovem nem sabe explicar. Mas era como se o mar, com seus infinitos, lhe desse um alívio de sair daquele mundo. Sem querer ele pensava em Farida, esperando naquele barco. E parecia entender a mulher: ao menos, no navio, ainda havia espera" (Ibidem, p. 174). Dessa forma, fica clara a função do barco como transporte de um mundo já em decomposição com destino a um mundo não morto, um mundo que ainda fosse habitado por vivos. Aqui, a água ainda representa a vida, porém, nesse trecho, não propriamente a criação da vida, mas a renovação: como explica Eliade, o elemento aquático "[...] cura, porque, em certo sentido, refaz a criação" (ELIADE, 2010, p. 158). O menino desejava ter sua infância, destruída e acabada por conta da guerra, curada.

No caso de Kindzu, essa partida pelas águas também representa uma tentativa de transformar seu mundo morto em vivo novamente: ele deseja juntar-se aos naparamas, esses "[...] guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam contra os fazedores de guerra" (COUTO, 2007, p. 27). Porém, seu sonho pode ser mais uma ilusão, pois os mais-velhos de sua aldeia lhe advertem que talvez esses guerreiros não passem de lendas e mitos e, caso eles realmente existam, não são daquela terra – mostrando, mais uma vez, que a esperança só é possível ao cruzar a margem, ao atravessar a fronteira.

Nesse romance, há uma personagem cuja condição de morta ou de viva, como a dos de *O outro pé da sereia*, não fica completamente definida para o leitor: essa personagem é Farida e a dúvida se ela realmente pertenceria ao mundo dos vivos surge quando a mulher explica para Kindzu que ela seria, na verdade, um *xipoco*, um espírito:

Sei que sou um deles, um espírito que vagueia em desordem por não saber a exacta fronteira que nos separa de vocês, os viventes. Nós somos sombras no teu mundo, tu jamais nos tinha escutado. É porque vivemos do outro lado da terra, como o bicho que mora dentro do fruto. Tu estás do lado de fora da casca (COUTO, 2007, p. 83).

Neste trecho surgem alguns termos e expressões recorrentes e importantes para o estudo dos barcos como sendo transportes para o mundo dos mortos: "exacta fronteira que nos separa de vocês, os viventes", "outro lado da terra" e "lado de fora da casca". Como esclarece Bachelard, "a todo além associa-

se a imagem de uma travessia" (BACHELARD, 2002, p. 77) – assim, todas essas expressões citadas, por carregarem uma ideia de um além, de um longe de onde estamos, estão relacionadas com viagens, travessias, deslocamentos.

Além disso, é importante ressaltar onde Farida está e onde ela revela sua verdadeira natureza a Kindzu: a mulher havia decidido fugir de Matimati, das infelicidades da guerra civil e da sua condição amaldiçoada e estigmatizada de gêmea, indo "[...] para uma terra que ficasse longe de todos os lugares" (COUTO, 2007, p. 82). Para isso, a personagem embarca em uma viagem com alguns pescadores que desejavam assaltar um navio com donativos que havia naufragado e encalhado. Entretanto, após encherem o barco com os produtos do roubo, os homens decidem não haver mais espaço para a moça, trocando "pessoa por coisa" (Ibidem, p. 82). Assim, Farida permanece sozinha no navio até a chegada de Kindzu ao seu novo mundo – portanto, é uma viagem de barco que leva o narrador ao navio encalhado de Farida, esse navio estranho, "maior que um país" (Ibidem, p. 61), onde se ouvem "vozes, ordens, gritos, gemidos" (Ibidem, p. 61), que se originam das paredes, do piso e do teto do próprio barco: Kindzu chega a um lugar onde os *xipocos*, os espíritos, sentem-se em casa, uma vez que "aquele barco estava espiritado, guardado contra intrusos" (Ibidem, p. 61). É como se o próprio navio fosse o mundo dos mortos, o Hades coutiano – e sobre subir em embarcações desconhecidas, estranhas, Bachelard já fala: "A sabedoria popular aconselha aos navegantes que não subam num barco desconhecido. [...] Em suma, todos os barcos misteriosos, tão abundantes nos romances do mar, *participam da barca dos mortos*" (BACHELARD, 2002, p. 80).

Além disso, há, ao longo dos dois romances, diversos acontecimentos, pensamentos e falas de personagens que colocam essa outra margem (apenas acessível a partir de uma viagem pela água, portanto) como o local onde habitam os mortos. Em *O outro pé da sereia*, por exemplo, aparecem, no decorrer de toda a narrativa, diversas sugestões relacionadas à existência de duas margens, de dois lados da existência. A protagonista, ao desembarcar em Vila Longe, afirma sentir "[...] saudade do seu oculto lugar, além do rio. Ao menos lá, em Antigamente, ela se esquecia de ter nome, ter rosto, ter idade (COUTO, 2006, p. 71); o narrador também afirma que Zero havia escolhido o seu destino, a sua morada, "para lá do rio, onde nenhum lugar é de viver" (Ibidem, p. 88). Em uma

conversa com Arcanjo Mistura, Mwadia ainda explica a localização de Antigamente: do lado de lá do rio. Então, o interlocutor lembra-se: "A propósito de lado de lá: os meus irmãos também falecerem, você sabe?" (Ibidem, p. 123).

Dessa forma, as referências a duas margens, neste romance de Mia Couto, em geral estão intimamente relacionadas com a ideia de vida e morte, do ténue limiar entre esses dois estados e, conseqüentemente, da possibilidade de se passar de um ao outro através de uma viagem por água – o que reforça o já mencionado caráter ambíguo do elemento aquático, símbolo tanto dos vivos quanto dos mortos, como explicita Eliade: "princípio do indiferenciado e do virtual, fundamento de toda a manifestação cósmica, receptáculo de todos os germes, as águas simbolizam a substância primordial de que nascem todas as coisas e para a qual voltam, por regressão ou cataclismo" (ELIADE, 2010, p. 153). Portanto, a água não apenas pode simbolizar o início e o fim de vidas individuais, mas de toda a humanidade (o dilúvio, por exemplo, representa o fim de toda uma população nos mitos de diversos povos, como já foi mencionado) – o que pode ter ocorrido em Vila Longe e em Antigamente, uma vez que, ao enxergar o padraço, Mwadia diz ter "[...] a mesma sensação de irrealidade de quando contemplava Zero Madzero, na casa de Antigamente" (COUTO, 2006, p. 127) e, ao final da história, a protagonista ainda tem a visão da parede com as fotografias dos parentes e percebe que carrega nas mãos uma moldura sem imagem, a "foto do último ausente" (Ibidem, p. 331), para pendurar na parede juntamente aos retratos dos amigos e familiares de Vila Longe. Com a frase que fecha o romance, é sugerido que esse último ausente seria seu marido: "Ainda hesitou, à saída do quintal, como se escolhesse entre que ausentes ela deveria viver. Só depois tomou o caminho do rio" (Ibidem, p. 331) – assim, existe a possibilidade de todos os personagens do livro, menos Mwadia, estarem mortos devido ao cataclismo que foi a guerra colonial e a posterior guerra civil nessa região de Moçambique.

Além disso, Barthes chama a atenção para o fato de o barco lembrar um esquife e estar, conseqüentemente, relacionado com a morte, mas de igualmente se relacionar com a vida: "o barco pode ser o símbolo da partida; mais profundamente, é o sinal da clausura. O gosto pelo navio é sempre a alegria do enclausuramento perfeito" (BARTHES, 1975, p. 57). Morte e vida fecham, completam o eterno ciclo à bordo de uma canoa, em meio à água. Tal

ambivalência está presente em *Terra sonâmbula*. O barco, em um primeiro momento, é identificado com um caixão em diversas passagens (mesma comparação feita por Mariamar): "Meu concho semelhava a um caixãozito, flutuando em fúnebre compasso" (COUTO, 2007, p. 59); "O que queria mesmo era ir mar adentro, como Assma, empurrado num barquinho sem destino. [...] É isso que desejo: me apagar, perder voz, desexistir" (Ibidem, p. 200). Também é em um barco onde Farida morre, ao tentar acender a luz do farol e padecer em uma explosão, assim como é em um barco que Tuahir pede a Muidinga para colocá-lo quando contrai uma forte febre e está à beira da morte: "Me deite no barco, filho. Quero morrer sem ver nenhuma terra, só água em todo lado" (COUTO, 2007, p. 194). Também é interessante notar que, na medida em que Muidinga e Tuahir aproximam-se do mar, o mais velho igualmente aproxima-se dos "derradeiros finais" (Ibidem, p. 194) – como já havia ressaltado o narrador, "a gente vai chegando à morte como um rio desencorpa no mar" (Ibidem, p. 84), e, novamente, como Bachelard (2002) também destaca, o ponto final de todos os rios sempre é o rio dos mortos.

Já em *O outro pé da sereia*, é o nascimento de Jesustino Rodrigues, padrasto de Mwadia, que representa a vida e a morte concomitantes, vida e morte navegando pelos cursos de água: "A mãe, Esmeralda da Anunciação, morreu durante o parto. Nascimento e morte ocorreram em simultâneo, como dois barcos que se cruzam em sentido inverso" (COUTO, 2006, p. 279). É ainda em um naufrágio que morre o pai do personagem, Agnelo Rodrigues, e o conseqüente nascimento de uma nova mãe para Jesustino, sua irmã Luzmina, como ela própria explica: "Primeiro fui sua irmã, depois fui sua mãe [...]" (Ibidem, p. 228).

Em *Terra sonâmbula*, aparece ainda um outro aspecto da relação entre barco e morte: quando Kindzu decide deixar sua terra, o feiticeiro local Ihe adverte que sua viagem deveria ser pela água a fim de ludibriar o espírito do pai, insatisfeito com o tratamento recebido pelos parentes ainda vivos:

Essa viagem, porém, teria que seguir o respeito de seu conselho: eu deveria ir pelo mar, caminhar no último lábio da terra, onde a água faz sede e a areia não guarda nenhuma pegada. Eu que levasse o amuleto dos viajantes e o guardasse em velha casca do fruto ncuácuá. E procurasse os confins onde os homens não ameam nenhuma lembrança. Para me livrar de ser seguido por meu pai eu não podia deixar sinais do meu percurso. Minha

passagem se faria igual aos pássaros atravessando os poentes (COUTO, 2007, p. 31-32).

Assim, surge a questão dos antepassados e seu envolvimento com o mundo dos vivos, além da necessidade de cumprir diversos rituais para satisfazer esses que já foram e, dessa forma, garantir a boa sorte para os vivos (LEITE, 2008). Além disso, mais uma vez, a viagem de barco serve para fugir da morte – ou, mais apropriadamente, dos mortos, do pai de Kindzu cujo desejo era estragar e prejudicar sua viagem.

Dessa forma, percebemos que a simbologia dos barcos relacionada à morte e à travessia entre o mundo dos vivos e dos mortos é bastante rica e navega por cursos com sentidos distintos nos três romances estudados nesta pesquisa, desde que se esteja preparado para apontar o leme sempre em uma variada e distinta direção.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: DIFEL, 1975.

COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **Imagens e reflexos do imaginário português**. Lisboa: Hugin, 1997.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FORD, Clyde. **O herói com rosto africano**: mitos da África. São Paulo: Summus, 1999.

LEITE, Fábio. **A questão ancestral**: África negra. São Paulo: Palas Athena; Casa das Áfricas, 2008.